



Seminario permanente del
Instituto Universitario «Seminario Menéndez Pidal» (UCM)
Curso 2021-22



**Instituto Universitario
Seminario Menéndez Pidal**
FACULTAD DE FILOLOGÍA
Universidad Complutense de Madrid



**Instituto Universitario
Seminario Menéndez Pidal**

FACULTAD DE FILOLOGÍA
Universidad Complutense de Madrid

INSTITUTO UNIVERSITARIO «SEMINARIO MENÉNDEZ PIDAL»

UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID

LA VOZ DE LOS MAESTROS. SEMINARIO PERMANENTE DEL INSTITUTO UNIVERSITARIO «SEMINARIO MENÉNDEZ PIDAL» (2021-2022)

ORGANIZACIÓN: *Instituto Universitario «Seminario Menéndez Pidal»*

DIRECCIÓN ACADÉMICA: Mercedes Fernández Valladares y
Ana Vian Herrero

SECRETARÍA ACADÉMICA: María Teresa Burguillo Escobar y
Sergio Montalvo Mareca

INSCRIPCIÓN: la asistencia podrá ser presencial u *online*.
Contáctese con la secretaría académica

maburgui@ucm.es y sergmont@ucm.es



Ciclo de conferencias
La voz de los maestros

Tercer encuentro: Estudios de
Romancero

24 de mayo de 2022
Salón de grados de la Facultad de Filología
(Edificio A)

Conferencia

**El Romancero pan-hispánico en Portugal y en Brasil.
Historia y Comparatismo**

Dr. Pedro Ferré

Universidade do Algarve – IUSMP

El romancero
pan-hispánico
en Portugal y
en Brasil

PERE FERRÉ

Historia y comparatismo

Cancioneiro

de
Romances, Laceras, Soldos
e outros vestígios

Da antiga poesia nacional

Pela maior parte conservada na tradição
oral dos povos,

E agora primeiramente colligidos

Por

J. B. de Almeida-Saunete.

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º 13.1121

Comegado

1824.

Indice.

- 2- I. A bella Infanta: IIIIX
Infancia bella Infanta . . . pag 13. 4,1
- 10- II. O conde Abarlos (Yano) VIX
Chorava logo Abarlos pag. 29 2,4
- 3- III. O conde d'Almanha IVX
Ja osol da na viduasa . . . pag 43 2,5
- 8- IV. ~~Abduas Urmans~~ VIX
A guerra da guerra Moirinhos . . . 53. 2,18
- 11- V. Dom Carlos d'Alm-mar VIX
Quero fazer uma aposta . . . 66 2,19
- 16- VI. A Morena VIX
Abre-me a porta, Morena . . . 86 2,20
- 1- VII. Bernal tranzer VIX
Quem bate á minha porta . . . 102 2,21
- 5- VIII. Dom Aleixo VIX
Nos eramos tres irmãos . . . 126 2,22
- XX- IX. ~~Almada a Peitorca~~ VIX
Linda fante . . . 136 2,23
- XX- X. O calçador VIX
O calçador foi á casa . . . 142 2,24
- XX- XI. Santa Iua VIX
Standa em a janella . . . 150 2,25

Variantes.

XXXVII. *Companha de guerra* 203
 XXXVIII. *Companha de guerra* 257
 XXXIX. *Companha de guerra* 259
 XL. *Companha de guerra* 198

1. Estava a famosa infante
 Tinha nas mãos pente de ouro
 E o cabelo lizo.
 Com pente de ouro romano.
 Var. de Pichon.

Estava a bella - Infante
 Em seu jardim assentada
 Com pente de ouro nas mãos
 Seu cabelo penteava
 Pichon

2. *Uma grande armada* Pichon
Uma grossa armada Pichon
 Var. Pich. Na frente da sua lancho
 Capitão que n'ella vinha Cruz de p.^{to} emaltda
 A traça bem guiada. Pichon

entre 223
 Salta o capitão a terra
 A beber um jazo d'agua.
 Cant.

3-4 - *Donde vindes cavalleiro?*
 - *Seu nome de guerra.*
 - *Vistes la o meu marido?*
 - *Seu nome e signaes leu?*
 P. de Linn

4. *Donde vindes, capitão?*
 - *Em nome da Barbain.*
 - *Vistes la o meu marido?*
 - *Dizei-me, promeindo,*
Que signaes elle levava.

I.
 A bella Infanta.

1. Estava a bella infante
 No seu jardim assentada,
 Com seu pente de ouro fino
 Seu cabellos penteava.

2. *Blitou os olhos as mar,*
Vir vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha
Alente bem que a guiava.

3. *Dizei-me o capitão,*
Dizei-me pela vossa alma
Se um marido que eu tento
Vem ahi na vossa armada.

4. *Dizei-me vos, o senhor,*
Que signaes que elle levava.

5. *Levara cavallo branco,*
Salto de brata larrada;

Adozinda,

ROMANCE.

Pelo Auctor da Historia da Lingua e Litteratura Portugueza na
Collecção intitulada PARNASO LUSITANO, do Poema
CAMÕES, Editor de D. BRANCA, &ca. &ca. &ca.



Londres :

EM CASA DE BOOSEY & SON, BROAD STREET;
E DE V. SALVA, REGENT STREET.

1828.



NOTAS.

107

o ambição de querer imitar Luiz XIV. seu contem-
poraneo,—até nas fraquezas.

C.

Lembra-te aquella historia

Que ingenuo o povo em seus trabalhos canta.—

pag. 10.

Eis aqui o original d'este romance ou legenda tal
como anda na tradição do povo.

ROMANCE DA SYLVANA.

A Sylvana passeava

Por seu corredor acima,

Violla d'ouro levava,

Oh! que tam bem a tangia!

E se ella bem a tangia

Melhor romance fazia.

108

NOTAS.

A cada passo que dava,

Seu padre a accomettia :

—“Atreves-te tu, Sylvana,

Uma noite a seres minha?”

—“Fôra uma, fora duas,

Fôra, meu pae, cada dia

Ma' las penas do inferno

Quem por mim las penaria?”

—“Pená-las-hei eu, Sylvana,

Que las peno cada dia.”

Foi-se d'alli a Sylvana,

Mui agastada que ia ;

Foi se encontrar com su' madre

Entre a salla e a cozinha.

—“Que tens tu, ó minha filha,

Que tens tu, ó filha minha?”

* * * * *

+ Aqui ha' visivelmente uma lacuna: falta a resposta ou explica-
ção da filha.

2267

XXVIII.

D. Jo an.

La dos bandos del astella

DOM JOÃO.

Lá das bandas de Castella
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pezar de sua amada!
São chamados tres doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que, se algum lhe dêsse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Porfim que chega o mais velho,
Diz com voz desinganada:
— 'Tendes tres horas de vida,

E uma está meia passada;
Essa é para o testamento:
Deixar a alma incommendada!
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem impregada.
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.'

Estando n'estas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ella
Com a vista ja turvada:
— 'Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria ver-te
N'esta hora minguada!'
— 'Tenho fe na Virgem sancta,
N'ella venho confiada,
Que me hade ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.'

— 'Oh! que se eu chegar a erguer-me,
Minha rosa namorada,
No vaso d'este meu peito

P'ra sempre serás plantada,
 Co'as benções de um arcebispo
 E de agua benta regada,
 Co'a estolla da saneta egreja
 Ao meu coração atada.

Estando n'estas conversas,
 Sua mãe que era chegada:
 — 'Que tens tu, filho querido
 D'esta alma amargurada?'
 — 'Tenho, mãe, que estou morrendo,
 Que ésta vida está acabada;
 Com só tres horas por minhas,
 E uma ja meio passada.'
 — 'Filho de minhas intranhas,
 N'esta hora minguada
 Lembra-te se algo deves
 A alguma dama honrada.'
 — 'Minha mãe, que devo, devo,
 E Deus me não peça nada!
 Dona Isabel que em má hora
 Por mim fica diffamada.
 Mas deixo-lhe mil cruzados
 Para que seja casada.'

— 'A honra não se paga, filho;
 Mil cruzados não é nada.'
 — 'Ja lhe deixo mais duzentos
 E a cruz de minha espada.'
 — 'A honra não se paga, filho;
 Os cruzados não são nada.'
 — 'Deixo-a a estes tres doutores
 Muito bem incommendada;
 E a vós, minha mãe, vos peço
 Que a tenhais bem guardada.
 O que com ella casar
 Tem uma villa ganhada;
 O que lhe disser que não
 Tenha a cabeça cortada.'
 — 'A honra não se paga, filho,
 Nem com terras é comprada:
 Se a essa dama lhe queres,
 Não a deixes deshonorada!'
 — 'Pois fique ésta mão ja fria
 Na sua mão adorada:
 De Dom João é viuva,
 Condessa será chamada.'

“Romances que se recitam em V^a N^a de Portimão” (Ms. c. 1865,
Museu de Arqueologia- Lisboa)

D. João

Tristes novas me vieram lá das bandas da Espanha
que se achava Dom João muito mal doente em cama.

- *Dá-lhe do verde limão do limão a limonada.*

Dize-me, filho, se deves a honra a uma mulher honrada.

-Devo-a a Dona Maria, pois a deixei desgraçada.

Já lhe deixo mil cruzado. para ver se ela casava.

-Mil cruzados não é nada, uma honra não se paga.

-Já lhe deixo mais quarenta. para ver se ela casava.

Estando nestas razões, Dona Ângela que entrava.

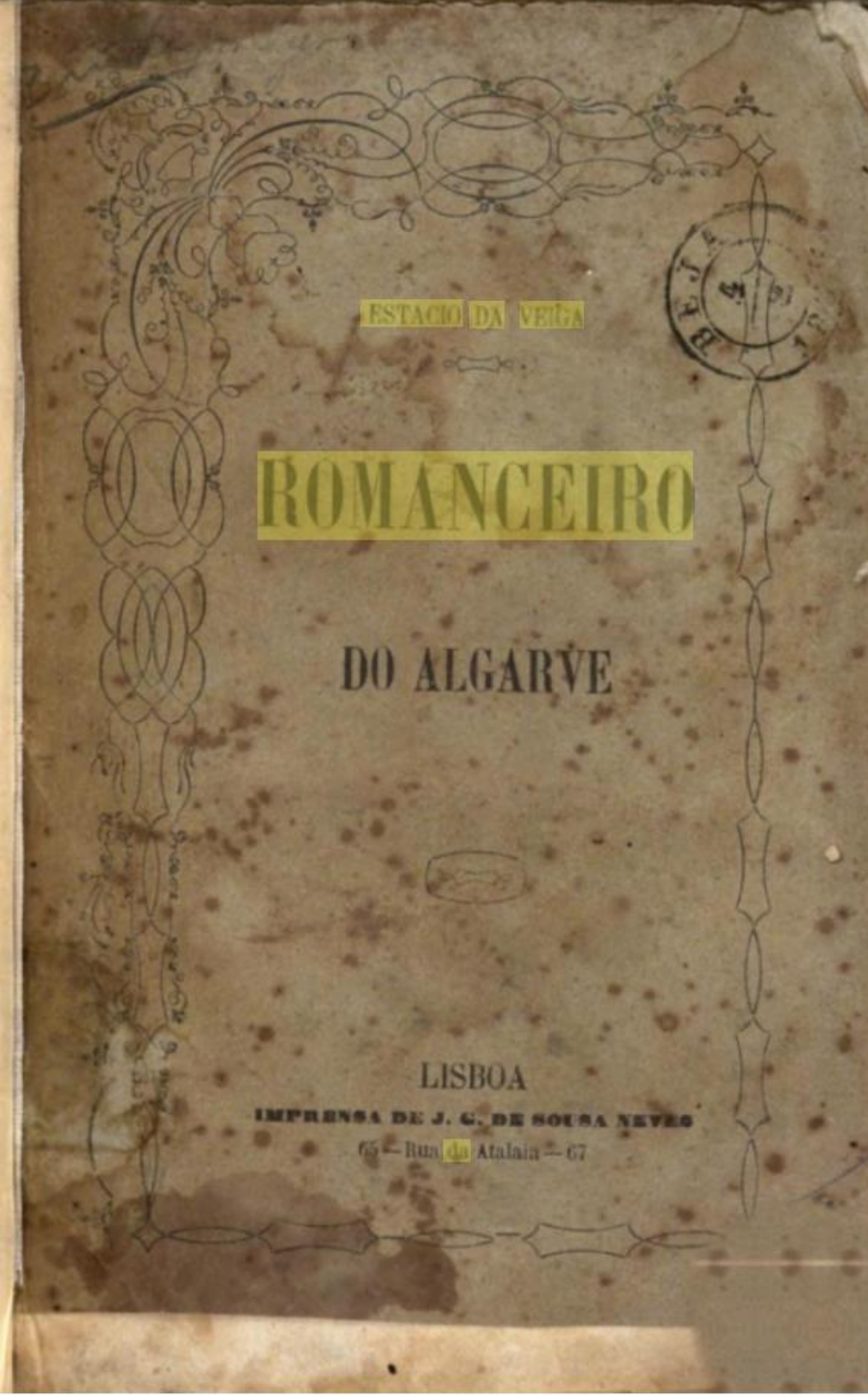
- Aonde vais tu, viúva, viúva sem ser casada?

-Venho de pedir a Deus e à hóstia consagrada
que te levantes dai, cara prenda da minh'alma.

- Se eu me levanto daqui, minha roseira abaneira,
minha alcatifa de flores. dava-a por bem empregada.

Estando nesta razões, o médico que entrava.

- Três horas só tem de vinda (sic), na mais breve se acaba,
uma é para o testamento, outra p'ra bem da sua alma;
outra para receber a sua querida amada.



24

ROMANCEIRO GERAL

COLLIGIDO DA TRADIÇÃO

POR

THEOPHILO BRAGA

Procuré con mi sudor
Y con inmenso trabajo
Juntar diversos romances
Que andavan descarriados...
ROM. GERAL, de 1594.

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1867

CANTOS POPULARES

DO

ARCHIPELAGO

AÇORIANO

PUBLICADOS E ANNOTADOS

POR

THEOPHILO BRAGA

*Se olhardes ás cantigas
Do prazer acostumado,
Todas tem som lamentado,
Corregado de fadigas
Longe do tempo passado.
O d'então era cantar
E bailar como hade ser,
O cantar para folgar,
O bailar para prazer:
Que agora è mão d'achar.*

GIL VICENTE, Triumpfo
do Inverno.

PORTO

TYP. DA LIVRARIA NACIONAL,

Rua do Laranjal, 3 a 22

1869

ROMANCEIRO
DO
ARCHIPELAGO
DA
MADEIRA

COLLIGIDO E PUBLICADO

POR

ALVARO RODRIGUES DE AZEVEDO



Joseph Lourenço

FUNCHA

TYP. DA «VOZ DO POVO»

1880

P.^e FIRMINO A. MARTINS

FOLKLORE

DO

CONCELHO DE VINHAIS



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1928

ACTA UNIVERSITATIS COIMBRIGENSIS

ROMANCEIRO PORTUGUÊS

COLIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

NOTÍCIA PRELIMINAR

DE

R. MENÉNDEZ PIDAL

I



POR ORDEM DA UNIVERSIDADE

1958

de boa vontade, essas recomposições, tomando dellas sómente o que nos é necessário.

Declaramos que temos unicamente colligidos por escripto os romances do — *Bernal francez* — *Não Catharina* e *d. Barão*, e que os outros, que houvermos de comparar, foram ouvidos, é verdade, mas não podíamos lê-los por escripto, por causa da grande difficuldade que encontramos nas pessoas que os sabiam, as quaes sómente podiam repetir-os cantando, e, quando paravam, não lhes era possível continuar sem recommear.

— Só encarrilhado — dizia-nos a este respeito uma benta alma.

Além disso, encontramos-nos com a má vontade de muitos, a grosseria de outros, e os meios da maior parte.

No meio de tudo isto, havia um novo elemento com que lutar, — forte, invencível e desanimador: — era a estupidéz do nosso povo. Muitas vezes não entendiamos parte dos romances cantados, por causa dos innumerables barbarismos nelles introduzidos, e si pediamos explicações sobre alguma palavra inintelligível, não nos sabiam dar. — De sorte que, sómente confrontando com as versões portuguezas, podemos chegar ao fim desejado.

Em geral, os romances são cantados na parte dramática e, nas transições, o cantor para, explica em prosa o que falta, commentando muitas vezes por sua conta, introduzindo anacronismos e tudo quanto o meio em que vive lhe dispersa.

As versões que aqui apontamos foram todas colligidas no Maranhão, onde parece-nos que se tem conservado por mais tempo os hábitos portuguezes, as festas, as tradições e as lendas. Voltaremos a este assumpto (2).

Vê-se por estas declarações, que usamos de toda a probabilidade. Nem julguem por elles que o nosso trabalho tomar-se-hia menos documental, pois, si nos faltam as colleções escriptas dos outros romances, que não os apontados acima, temol-os ouvido tantas vezes e por tantas pessoas, que alguns até trazemos de côr, podendo assim fazer as comparações prometidas com todo o critério.

Das onze primeiros romances da colleção de Th. Braga, que trazem a inscripção — *Romances communs aos povos do Meio-da Europa* —, sómente encontramos um, cuja lição maranhense possuímos escripta, que anda muito espalhado e cantado entre nós, e é quasi composto. E' o de — *d. Martinho de Aviação*.

O que temos approximado mais da variante da Foz e traz o mesmo nome de — *d. Barão* — que nella se encontra. O principio

Já começam as guerras
no campo de dom Barão:

é tal qual, assim como o dialogo entre o pai e a filha, que se segue logo depois, sómente com as seguintes differenças. Estes versos

— Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
" Mettel-os-lhe numas botas,
Nunca dellas sahirão.
Dai-me armas e cavallo,
serei seu fillo varão.

na variante que possuímos foram trocados por estes:

— Tendes o pé pequenino,
filha, conhecer-vos-hão.
" Passe p'ra cá essas botas
eucherei-as de algodão. "

Esta estrophe é da versão da Beira-Baixa, com uma ligeira differença no terceiro verso, que na dita versão é

Dê-me cá as suas botas.

A expressão — *passe p'ra cá* — é muito nossa, e usada no interior das provincias, onde foram colligidos estes romances.

Logo adiante, na mesma variante da Foz, ha estes versos:

— Tendes os peitos mui altos,
filha, conhecer-vos-hão.
" Incolherei os meus peitos
dentro do meu coração.

os quaes, na variante maranhense, adquirem uma côr local extraordinaria, a qual fironos notar griphando as palavras donde julgamos vê-l-a resaltar.

— Tendes os peitos crescidos,
filha, conhecer-vos-hão.
" Apertarei-os c'um punho,
por baixo do cabeção.

Vê-se, por esta variante, que o povo foi procurando substituir cousas que elle não conhecia, como o justillo, de que falla a versão da Beira-Baixa,

" Mande fazer um justillo
Que me aperte o coração.

por outras usadas no meio em que elle vive. O cabeção, usado pelas mulheres do interior das provincias, foi escolhido para substituir o justillo, embora se note a contradicção palpavel de ver uma mulher que quer disfarçar-se, continuar a usar do cabeção, vestimenta só propria do mulheres.

Os versos

— Oh mi padre, oh mi madre,
grande dôr de coração.

estavam na variante maranhense assim:

— Oh meu pae, minha maisinha,
que dôr no meu coração.

donde se conclue, não só pela ausencia dos vocabulos hespanhóes — *madre e padre* —, como pelo diminutivo — *maisinha* —, a accentuação nacional.

Em geral nós, os brasileiros, somos muito propensos aos diminutivos, como signal de agrado e carinho. Assim é que geralmente diz-se — meu santinho, meu beimsinho, meu amorzinho etc., quando se quer mostrar affecto a alguém. Nota-se isto principalmente no tratamento das mãis para com os filhos. Na variante da Foz, logo abaixo, dom Barão usa do mesmo diminutivo para com sua miã.

A mudança maior que existe neste romance, e que faz bem frisante a influencia do meio actual em que elle vive, é a seguinte:

VARIANTE DA FOZ

Dom Barão como discreto
de nada se receioi;
chamou pelo seu criado
uma carta lhe entregou:

" Novas me chegam agora,
novas de grande pezar, etc.

VARIANTE MARANHENSE

Dom Barão que era macuco
de nada se arreceioi;
chamou pelo seu moleque,
numa carta lhe entregou:

" Novas me chegam agora, etc.

macuco, puramente brasileira, no sentido de astuto, fino. E' costume dizer-se entre o povo — *fino como macuco velho*.

Em segundo lugar ha a substituição do *criado* portuguez pelo *moleque*, que só se encontra entre nós. Já é o elemento negro tomamdo conta da poesia, como adiante veremos que torna em maior escala (3).

O fim do romance é o mesmo que na variante da Foz:

— Que foi isso dom Barão,
quema vos vem acompanhar?
" Um genro de voemecé,
Si o quizer aceitar.

O romance de Gerinaldo não anda tão espalhado entre nós como o precedente, mas ouvi-mol-o diversas vezes, com o mesmo fundo, as mesmas ideias, quasi a mesma fórma que o portuguez, até o lugar em que o rei vai encontrar Gerinaldo nos braços da filha, e diz:

Eu si mato Gerinaldo
criel-o de pequechinho!
Eu si mato a d. Infanta
fica o reinado perdido.

não tendo a variante maranhense os dous versos ultimos da falla do rei:

Metto-lhe a espada no meio
para que sirva do aviso.

A scena do despertar de Gerinaldo, do dialogo delle com a Infanta e depois com o rei, tudo falta na variante maranhense.

Quem cantava este romance explicava em prosa que o rei afinal, por pedido da filha, perdouva a Gerinaldo, casando-os depois, e no fim enfim é que repetia os dous ultimos versos com que acaba o romance portuguez:

Pois toma-a por tua mulher,
e ella a ti por marido.

O symbolo da espada collocada entre os dous não conservou-se, cremos que pela razão de não ser comprehendido, nem ter outro que o substituisse, e d'ahi o esquecimento do resto do romance, com excepção dos dous versos finais.

O Romance da *Novia Roubada* não existe entre nós como está na versão de Almeida. Conhecemos-lhe sómente o fundo, que é muito vulgar entre as historias do nosso povo, e esta quadra, da qual não podemos explicar a existencia, sinão como lembrança vaga de se ter ouvido aqui o dito romance:

Eu não pertendo da boda,
nem tão pouco do jantar,
pertendo fallar á noiva,
que é minha prima carnal.

Dos Romances do *Alyres Matador* e da *Romeirinha* não temos absolutamente noticia de variante alguma brasileira.

Há a mesma scena da caça, da donzella no arvoredo, mas o dialogo que se segue não é tão longo. O final é o mesmo.

A tradição dos encantamentos foi muito guardada entre nós, e raro é o conto popular onde ella não entre. Estas historias então de donzellas encantadas, que são salvas por principes, são-nos muito communs.

Tendo comparado os romances d'esta primei-

DO BRAZIL

COLLIGIDOS

Pelo DR. SYLVIO ROMÉRO

Professor do Colégio Pedro II

COMPARAÇÕES DE ESTRUCÇÃO E NOTAS COMPARATIVAS

POR THEOPHILO BRAGA

VOLUME I

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA

96, Rua do Arsenal, 96

1883

SUBSÍDIO PARA O ARQUIVO DO ROMANCEIRO NO BRASIL
Levantamento de Dados

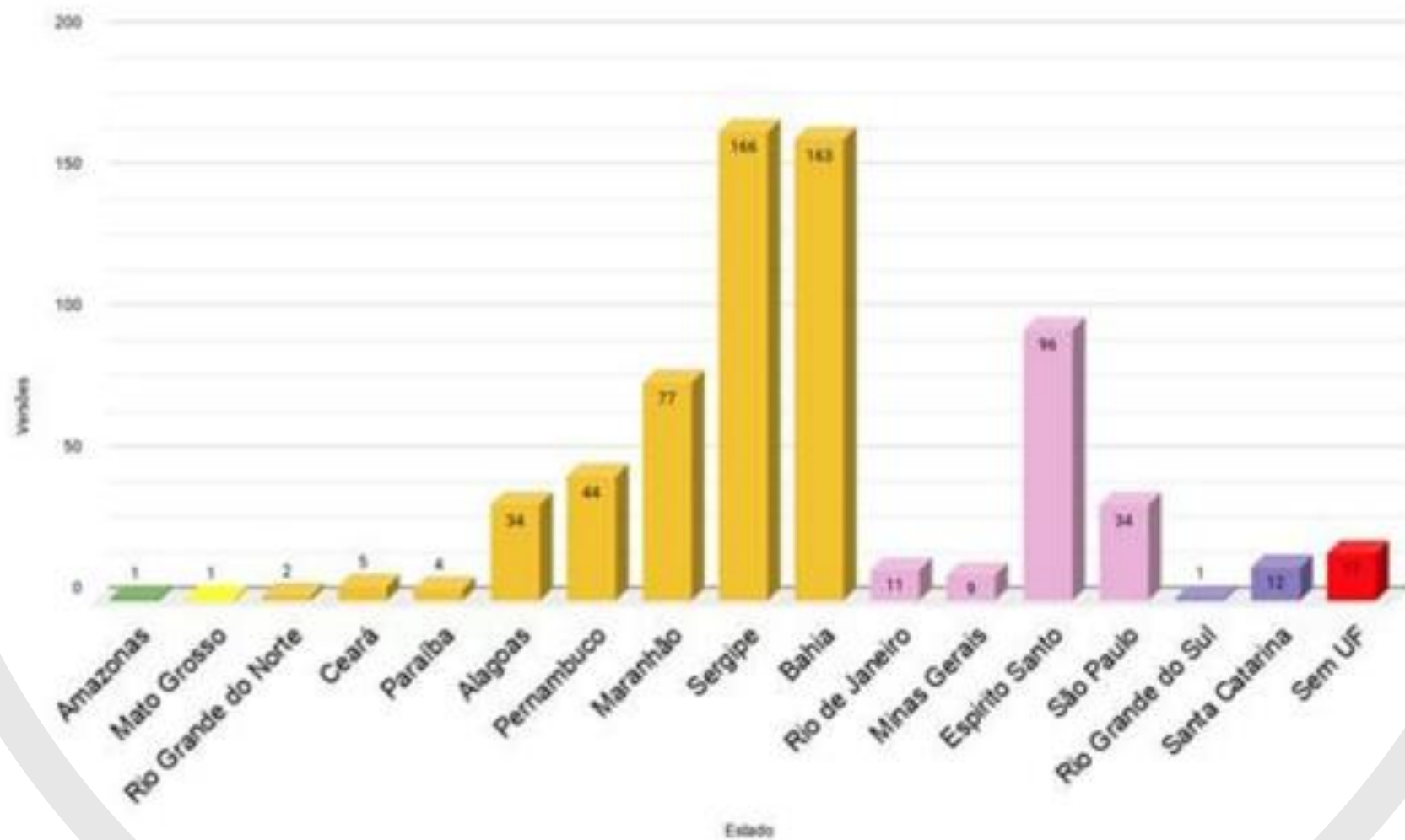


Ilustração 4.1 – Divisão do Brasil em macrorregiões.



Ilustração 4.2 – Estados em que foram identificadas versões de romances.

SUBSÍDIO PARA O ARQUIVO DO ROMANCEIRO NO
Levantamento de



Versão de Escalhão (concelho de Figueira de Castelo Rodrigo), cantada por Amélia Esteves, 50 anos.
Recolhida por José António Falcão e Pere Ferré, no dia 19/2/1985.

- Já os galos cantam, ó meu amor, vai-te.
2 — Onde irei, ó triste coração, deixar-te?
— Uma sogra que eu tenho vai-ma lá chamar,
4 que as dores são tantas, estou para finir.
— Levante-se, ó mãe, do doce dormir,
6 que a Rosa Branca está para assistir.
— Que assista, que assista, que tenha um varão,
8 que arrebente logo pelo coração.
— Apega-te, ó Rosa, à Virgem Maria,
10 que ela não está lá, foi à romaria.
— Já os galos cantam, ó meu amor, vai-te.

- 12 — Onde irei, ó triste coração, deixar-te?
— Uma cunhada que eu tenho vai-ma lá chamar,
14 que as dores são tantas, estou para finir.
— Levanta-te, irmã, do doce dormir,
16 que a Rosa Branca está para assistir.
— Que assista, que assista, tenha uma menina,
18 que arrebente logo à mãe e à filha.
— Apega-te, ó Rosa, à Virgem Maria,
20 que onde foi a mãe também foi a filha.
— Já os galos cantam, ó meu amor, vai-te.
22 — Onde irei, ó triste coração, deixar-te?
— Uma mãe que eu tenho vai-ma lá chamar,
24 que as dores são tantas, estou para finir.
— Levante-se, ó sogra, do doce dormir,
26 que a Rosa Branca está para assistir.
— Que assista, que assista, tenha uma menina,
28 que ela seja serva da Virgem Maria.
Entra cá, meu genro, para este quarto,
30 beberás do tinto, comerás do alvo.
— Nem quero do tinto, nem quero do alvo,
32 não quero que a Rosa me morra de parto.
— Entra cá, meu genro, pega neste fato,
34 que eu me irei vestindo lá por esses matos.
— Diz-me, ó pastorinha, que ermida é aquela
36 [.....] que está naquele alto?
— É da Rosa Branca que morreu de parto,
38 por falta de sogra e também de cunhada.
— Quem tiver as filhas case-as na terra,
40 que eu uma que tinha, fiquei-me sem ela.

[XI]

— Ide, D. João, ide, vinde logo,
à da vossa mãe que venha aqui logo.
— Deus vos salve, mãe, no vosso dourado.
— Vinde embora, filho, no vosso cavalo.
Descel-vos do cavalo que haveis de vir cansado,
dous copos de vinho, ração para o cavalo.

229

ANAIIS DA REAL SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA LUSITANA

— Não venho para mimos nem para regalos,
que a Flor do Dia me ficou de parto.
— A Flor do Dia um filho varão
[C.7] com ela arrebente pelo coração.
— Pari, Flor do Dia, pari, bela aurora,
madre mia mãe não vem cá agora.
— Ide, D. João, ide, vinde logo,
à da vossa mana que venha aqui logo.
— Deus vos salve, mana, no vosso dourado.
— Vinde embora, mano, no vosso cavalo,
dous copos de vinho, ração para o cavalo.
— Não venho para mimos nem para regalos,
que a Flor do Dia me ficou de parto.
— A Flor do Dia um filho infante
com ela arrebente mesmo neste instante.
— Pari, Flor do Dia, pari, bela aurora,
que a mana mia não vem cá agora.
— Ide, D. João, ide, vinde logo,
à da minha mãe que venha aqui logo.
— Deus vos salve, sogra, em roupas de linho. [C.8]
— Vinde embora, genro, no vosso rucinho,
descansai um pouco que haveis de vir cansado.
— Não venho para mimos nem para regalos,
que a Flor do Dia me ficou de parto.
Puseram-se a caminho:
No fim de muitas léguas, léguas andadas,
campinas trocadas:
— Ó meu pastorinho lá do verde prado,
que novidades há cá neste relnado?
— A Flor do Dia que morreu de parto.
— Minha Flor do Dia, minha estrangeira,
que tão só pariu numa terra alheia!
Morreu à falta de mãe, nanja de parteira,
tinha três aos pés, quatro à cabeceira.

230

Flôr do Dia

(Versão do Recife, apud Carlos de Magalhães)

« Levanta, amor,
 D'esse bom dormir,
 Chame sua mãe,
 Para me acudir,
 Nenhum achou,
 Levantou-se elle,
 Sem mais descanso,
 Foi sellando logo
 Seu cavallo branco,
 Como me chamava?
 — Deus vos salve, mãe,
 No vosso estrado,
 — « Deus vos salve, filho,
 No vosso cavallo,
 Apêa p'ra baixo
 Jantar um bocado,
 Não quero jantar,
 Que vim a chamado,
 Que a Flôr do Dia
 Lá ficou de parto.
 — « De mim para ella:
 Um filho varão,
 De espora no pé,
 E espada na mão,
 Rebente por dentro
 Pelo coração.

— Flôr do Dia
 Faça por parir,
 Minha mãe está doente
 E não póde vir.
 « Levanta, amor,
 D'esse bom dormir,
 Chame minha mãe,
 Para me acudir,
 Que ella mora longe,
 Mas sempre ha de vir.
 Grande dôr, marido,
 É dôr de parir!
 — Deus vos salve, sogra,
 No vosso estrado,
 — Deus vos salve, genro,
 No vosso cavallo.
 Apêa p'ra baixo
 Jantar um bocado.
 — Não quero jantar,
 Que vim a chamado,
 Que a Flôr do Dia
 Lá ficou de parto.
 — De mim para ella:
 Um filho estimado,
 Que eu veja no throno
 Um bispo formado.
 Espera lá, meu genro,
 Deixa-me vestir,
 Que ella mora longe,
 Mas sempre hei de ir.
 — Pastor de ovelhas,
 Que signal é aquelle,

— Flôr do Dia
 Que está dobrando?
 — « É Dona Estrangeira,
 Que morreu de parto,
 Sem haver parteira.
 — Aquelle sino
 Não cessa de dobrar,
 Nem meus olhos
 Também de chorar,
 Adeus, minha filha,
 Do meu coração,
 Que morreu de parto,
 Sem minha bênção.
 Adeus, minha filha,
 Que eu vinha te ver,
 Quem não tem fortuna
 Mais vale não nascer.
 — Apêa p'ra baixo

..Cotejem-se os textos seguintes (56):

A

..En las almenas de Toro
2 Estava vna donzella
vestida de paños negros
4 reluze como vna estrella
por ay passa el rey don alonso
6 enamorado se ha della
dize que si es hija de rey
8 que se casara con ella
¿ si es hija de duque
10 la tomara por manceba
alli hablara el buen Cid
12 estas palabras dixera:
vuestra hermana es Señor
14 vuestra hermana es aquella
Si es mi hermana dixo el rey
16 fuego malo encienda en ella
llamen me mis vallesteros
18 que le tiren sus saetas
y a aquel que la errare
20 que le corten la cabeça
alli hablara el buen Cid
22 desta suerte respondiera
mas aquel que le tirare
24 passe por la misma pena
y dos de mis tiendas Cid
26 no quiero que esteys en ellas
plazeme respondio el Cid
28 que son viejas y no nuevas
yr me yo para las mias
30 que son de brocado y seda
que no las gane holgando

B

..Por las almenas de Toro
Se pasea una doncella
blanca es y colorada
.....
Si es hija de duque o conde
yo me casaré con ella
(Si) es hija de labrador
tendrêla por mi manceba

que es vuestra hermana, señor,
la que veis en las almenas
.....
Pues si ella, Cid, es mi herma
na
mal fuego se encienda en ..
ella!
Hola, ballesteros, hola!
apercibid las ballestas

que al hombre que la tirare
antes que ponga la cuerda
le volaré de los hombros
y de un revés, la cabeza
.....

C

Por las almenas del Toro
se pasea una doncella
blanca rubia y colorada
su cara como una estrella
.....
Si es hija de conde o duque
yo me casaré con ella

vuestra sobrina es, buen rey,
vuestra sobrina es aquella
.....
Pronto, pronto, mis criados
armad una grande guerra
el que no la ofendiere
le cortaré la cabeza

Todo el que a esa niña toque
le cortaré la cabeza
.....

D

Por los palacios del rey
se pasea una doncella
blanca es y colorada
hermosa como la estrella
El rey desque la vido
Enamorar se quiso della
.....
Si era de alta gente
que sea mi mujer primera
si era de baja gente
que sea una de mis doncellas

Es vuestra hermana, el buen rey,
es vuestra hermana la pequeña
Aunque fuese la mi hermana
fuego le caiga en ella

Todo hombre que no le arroja
mala paga el rey le diera
Da y salta en gran Sis
con gracias qu'el Dió le diera,

No manceilas a la doncella
.....

E

se ela é de gente nobre
eu hei-de casar com ela
se ela é de gente baixa
há de ser minha manceba
.....

Ela é tua irmã
de todas três a mais pe-
quena

caçadores que atirais
atirai àquela donzela

O primeiro que atirar

morrerá logo ao pé dela
.....

Organización:

Instituto Universitario «Seminario Menéndez Pidal» (UCM)

Dirección académica:

Ana Vian Herrero y Mercedes Fernández Valladares

Secretaría académica:

María Teresa Burguillo Escobar y Sergio Montalvo Mareca